

DE SEDENTÁRIOS E NÓMADAS:
A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NA MODERNA LITERATURA
DE VIAGENS PORTUGUESA

FRANCISCO COTA FAGUNDES

Fagundes, F. C. (2010), De Sedentários e Nómadas: A Representação do Outro na Moderna Literatura de Viagens Portuguesa. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 303-325.

Sumário: Este ensaio foca a representação dos Estados Unidos da América em dois relatos de viagem contemporâneos: *Descobri que era europeia: impressões duma viagem à América* (1951), de Natália Correia e *Ida e volta – à procura de Babbitt* (1964), de Ilse Losa. Interessar-nos-á sobretudo a representação ética do outro – incluindo a sua aparência física, os seus hábitos, as suas instituições sociais – nos dois relatos de viagem estudados. Utilizar-se-ão dois conceitos de longo alcance extraídos dum trabalho teórico enquadrável na órbita do pós-colonialismo, *The Ethics of Travel: From Marco Polo to Kafka* (1996), de Syed Mansurul Islam: o modo de viajar sedentário e o modo nómada. Defender-se-á neste ensaio que o relato de Natália Correia, *Descobri que era europeia*, se aproxima do modo sedentário de viajar; e que a narrativa de Ilse Losa, *Ida e volta*, exemplifica o modo nómada, ambos esses conceitos a discutir no momento oportuno.

Fagundes, F. C. (2010), Of sedentaries and nomads: the representation of the other in modern Portuguese travel narratives. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 303-325.

Summary: This essay focuses on the representation of the United States in two contemporary travel narratives: Natália Correia's *Descobri que era europeia: impressões duma viagem à América* (1951) (I discovered I was a European: impressions of my trip to America; 1951), and Ilse Losa's *Ida e volta – à procura de Babbitt* (Round trip – searching for Babbitt; 1964). This paper is especially interested in the ethical representation of the other – in his/her physical appearance, habitudes, and social institutions – in the two travel narratives under consideration. Two far-reaching concepts will be utilized, both taken from a work that falls within the orbit of post-colonialism: *The Ethics of Travel: From Marco Polo to Kafka* (1996), by Syed Mansurul Islam: sedentary travel and nomadic travel. The essay will argue that Natália Correia's text is an

example of the sedentary travel mode and that Ilse Losa's *Round Trip* exemplifies the nomadic mode, both of these concepts to be discussed at the appropriate time.

Francisco Cota Fagundes: University of Massachusetts Amherst.

Palavras-chave: narrativa de viagem, modo sedentário, modo nómada, pós-colonialismo, representação (ética, não ética), o outro, retrato (literário), caricatura (literária).

Key-words: travel narrative, sedentary mode, nomadic mode, post-colonialism, (un)ethical representation, the other, (literary) portrait, (literary) caricature.

Delimito desde já o escopo deste amplo título¹: pretendo estudar a representação dos Estados Unidos da América em dois relatos de viagem contemporâneos: um de Natália Correia, *Descobri que era europeia: impressões duma viagem à América* (1951), e outro de Ilse Losa, *Ida e volta – à procura de Babbitt* (1964). Já se disse que o relato de viagens, um género que atingiu proeminência especialmente a partir do século XV, experimentou a sua fase minguante a finais do século XIX. Pelo menos é este o escopo de tempo que o teórico e crítico Fernando Cristóvão concede ao relato de viagens, atribuindo o seu alegado colapso às alterações profundas que se deram em três factores que o tinham sustido até ao momento em que perde a sua viabilidade: a eliminação das distâncias devidas aos modernos meios de transporte; a ausência de

novidade à medida que o mundo se foi tornando cada vez mais pequeno; e a divulgação do turismo atribuível à expansão da classe média, o que veio aumentar o número de “testemunhas” presentes em lugares e a acontecimentos distantes.

Por muita verdade que haja na asserção e explicações de Fernando Cristóvão, é inegável que nos últimos trinta ou quarenta anos tem havido um surto de interesse pelos relatos de viagem – se não necessariamente em Portugal, pelo menos em outros países do mundo – inspirados em grande parte pelo clima intelectual que também trouxe à baila o pós-colonialismo, um discurso teórico e crítico que questiona, entre outros, os tipos de ideologias que sustentaram impérios, colónias, nacionalismos, etnografias tradicionais e diásporas.

¹ Uma versão inglesa deste ensaio – “Twentieth Century Travel Narratives: Portuguese Writers’ Impressions of the US” – foi apresentada como conferência, no âmbito de

Rebecca Catz Memorial Lecture, no Centro de Estudos Medievais e Renascentistas, University of California, Los Angeles, a 20 de Abril de 2009.

De momento, interessa-me sobretudo o conceito da *representação ética do outro* – incluindo a sua aparência física, os seus hábitos, as suas instituições sociais – nos dois relatos de viagem que me proponho estudar. Utilizarei dois conceitos de longo alcance extraídos dum trabalho teórico enquadrável na órbita do pós-colonialismo: *A Ética do Relato de Viagem: De Marco Polo a Kafka* (1996), de Syed Mansurul Islam². Estes dois conceitos são os modos de viajar *sedentário* e *nómada*. Defenderei neste trabalho que o relato de Natália Correia aqui em epígrafe, *Descobri que era europeia*, aproxima-se do modo sedentário de viajar; e que a narrativa de Ilse Losa, *Ida e volta*, exemplifica em grande parte o modo nómada, a discutir no momento oportuno.

“Duma perspectiva ética”, afirma Syed Mansurul Islam, o modo “sedentário de viajar quase não merece de todo ser considerado ‘viajar’. É verdade que compreende uma deslocação geográfica e textual no espaço, mas contenta-se com uma prática representacional que dificilmente regista um encontro com o outro. Por conseguinte, parece que a deslocação no viajar sedentário é motivada pelo desejo de assegurar um ponto de van-

tagem para nele levar a cabo uma representação de diferença.” E Islam acrescenta: “Inevitavelmente, portanto, os viajantes sedentários, preocupados como estão com estabelecer uma diferença essencial num quadro binário e intelectualmente apreender a outredade, obsessivamente fazem emergir uma rígida fronteira que os separa do outro” (Islam: “Prefácio” viii). Como indica Islam, o seu livro foi composto no espírito da escrita ética de Franz Kafka, mas também sob a influência de Gilles Deleuze, Pierre-Félix Guattari, Frantz Fanon e Wilson Harris.

Natália Correia (1923-1993) nasceu em São Miguel, Açores, mas mudou-se para o continente português aos onze anos e lá viveu até à morte. Poeta, romancista, ensaísta e antóloga, é ainda uma notável *intradutora e diseuse* de cantigas galaico-portuguesas. É sobretudo conhecida, porém, pela sua poesia de teor surrealista e místico, muita dela com profundas raízes em vivências e temáticas açorianas, como o mar e a insularidade, também partilhadas, entre outros poetas, por Antero de Quental, Roberto Mesquita e Vitorino Nemésio. À época da sua visita aos Estados Unidos, Natália Correia tinha publicado três livros, incluindo *Grandes aventuras de um pequeno herói* (1945) e *Anoi-teceu no bairro* (1946).

No prefácio à sua narrativa de viagem Natália Correia faz duas afir-

² Todas as traduções citadas neste trabalho são da minha responsabilidade.

mações que o leitor poderá achar invulgares num trabalho que tenta a sério caracterizar um país e um povo. Uma dessas afirmações diz respeito à caracterização da sua própria perspectiva como autora: “Este livro é por vezes incoerente porque é verdadeiro. Não podemos sentir uma coisa sempre da mesma forma”, afirma Natália Correia. E acrescenta: “O que ontem foi azul através do nosso tédio é hoje vermelho através da nossa esperança. Ele [o seu relato de viagem] é o álbum de fotografias dum país, reveladas na câmara da minha sensibilidade ao sabor do meu *cafard* ou do meu casual amor das coisas” (9-10). A outra afirmação, também muito elucidativa para a minha análise desta narrativa, é de facto uma confissão da autora, cuja provável intenção será desculpar-se pela representação efectuada no seu relato da América e dos Americanos: “Este livro tem talvez muito de mim e pouco daquilo que eu devia dizer. Alguém que o leu em manuscrito fez-me notar um acentuado egocentrismo da primeira à última página. É bem possível. Não sei fazer as coisas doutra forma. Sou

³ O mês de Junho é-nos fornecido na narrativa pela própria autora. O ano de viagem à América proporcionado na capa da segunda edição da narrativa é 1949. Onésimo Teotónio Almeida, baseando-se em referências contidas no texto, conclui que a viagem ocorreu em 1950, não em 1949.

uma ave que só sabe voar a toda a amplitude do espaço que o seu amor criou” (10).

Natália Correia visita os Estados Unidos, na companhia de seu marido William Creighton Hylen (um americano do estado do Maine que residia em Portugal e que nunca é mencionado no livro!), em Junho de 1950³. O casal era para ter prolongado a sua estadia para além do mês de Junho para ir à Califórnia. Tiveram, porém, que cancelar a viagem ao oeste pela urgência de regressar a Lisboa⁴. O itinerário de Natália Correia começa em Boston, onde passa uns dias, seguindo depois para Thomaston, Maine, terra do marido. Depois viaja para Providence e New Bedford, onde passou relativamente pouco tempo. A maior parte do tempo de estadia na América vai passá-lo em Nova Iorque, com percursos feitos de lá a Washington, D.C. e Alexandria, Virgínia. Regressa depois a Nova Iorque de autocarro e nesta cidade passa mais uns quantos dias antes do retorno a Portugal.

Entre os momentos mais destacados

⁴ Como já se indicou e se bem que este pormenor seja de escassa importância para fins deste trabalho, Natália Correia nunca menciona o seu marido ao longo de toda a narrativa. Divorciaram-se antes da edição da obra, que tinha vindo à luz em artigos de jornal, em forma de livro. Veja-se o artigo de Onésimo Teotónio Almeida, ainda inédito, na bibliografia deste trabalho.

da sua visita aos Estados Unidos está um encontro com o director do *Boston Globe* (que publicou um artigo acerca da sua visita, artigo esse acompanhado duma foto de Correia e o marido⁵). Outro momento importante foi a sua assistência a uma conferência de imprensa com o Presidente Harry Truman e outra conferência de imprensa com o então Secretário de Estado Dean Acheson. Natália Correia também se encontrou com o historiador Arthur Schlesinger e com Margaret Chase Smith, a senadora Republicana do Maine que, em 1964, seria a primeira mulher a ver o seu nome colocado na lista de candidatos nomeados à Presidência dos Estados Unidos. Natália Correia também teve um encontro com um crítico literário do *New York Times*, para além de outros breves encontros e convívios com individualidades importantes.

Em nenhuma altura da sua narrativa nos proporciona Natália Correia os seus planos de viagem na América. A narrativa é enformada por visitas a sítios e monumentos icónicos nas cidades principais por onde passa e que descreve. O relato em epígrafe é sobretudo caracterizável como uma

série de impressões baseadas nos locais e nas pessoas vistos e encontrados, com ênfase especial na representação dos Americanos no seu aspecto físico, nos seus hábitos ou modos de comportamento. O relato também é profícuo em comentários da parte da narradora sobre atributos e diferenças dos géneros masculino e feminino e expressão de opiniões sobre questões sociais e morais das populações visitadas. Natália Correia também emite várias opiniões sobre a cultura americana (literatura e artes visuais, por exemplo) e sobre a política. Apesar da sua curta estadia nos Estados Unidos e dos seus percursos relativamente circunscritos, Correia não resiste à tentação de proferir generalizações de longo alcance acerca da América e dos Americanos.

Natália Correia emprega uma das técnicas de representação mais utilizadas por narradores de viagem: o diálogo com um cicerone, um conhecido ou amigo, um compatriota, um académico ou um dignitário. Muitos dos seus juízos críticos em relação aos Estados Unidos são comentários atribuídos a Americanos proeminentes⁶. Muito mais do que qualquer outro dos

⁵ Informação proporcionada por Onésimo Teotónio Almeida no artigo incluído na bibliografia deste trabalho.

⁶ Para dar tão-só um exemplo, Natália Correia cita Miss Olive Holmes, da Foreign Policy Association (Associação para a

Política Estrangeira), a quem conheceu em Washington, as seguintes palavras acerca dos Estados Unidos: “O grande mal é sermos um país próspero e, ao mesmo tempo, não termos uma civilização. A prova de que não temos uma civilização é o facto de não

autores de relatos de viagem incluídos na bibliografia deste trabalho, contudo, Natália Correia é a autora cuja narrativa deriva a grande parte do seu total de impressões da América e do seu povo duma observação directa e da dedução, não de encontros pessoais e de diálogos. Nestas observações são enfatizadas as diferenças entre a cultura visitada e a cultura europeia explícita no título do relato, apesar de a autora nunca tentar definir o que entende por cultura *europeia*, em oposição a *portuguesa*, que tão-pouco define.

Natália Correia é uma consumada retratista e caricaturista. Apesar de o seu relato conter alguns retratos humanizantes de indivíduos que encontramos nos seus percursos – por exemplo, retratos da Senadora Margaret Chase Smith (*Descobri* 144) e do Secretário de Estado de Truman, Dean Acheson (*Descobri* 155) – a esmagadora maioria dos seus retratos constitui cruéis caricaturas que não só representam o outro como exótico, mas, muito mais do que isso, o objectificam e desumanizam. A imagética zoomórfica frequentemente predomina nestas caricaturas, como depois veremos.

termos uma cozinha nacional. Faltam-nos os três elementos sem os quais nenhuma civilização pode ser considerada como tal: uma filosofia própria, uma música própria e uma cozinha própria” (*Descobri* 97).

Ainda em viagem para os Estados Unidos, eis como a narradora de *Descobri que era europeia* representa um americano companheiro de viagem:

O senhor louro é duma fealdade inverossímil. Tem um casaco muito curto para os seus braços simiescos. Há no seu rosto qualquer coisa de buldogue magro. E, como traz dependurada da lapela do casaco a etiqueta da TWA, decido que o senhor é cão. Mas, ainda por causa da etiqueta, retiro-lhe o privilégio da linhagem e classifico-o de “cão vadio”, título que condiz à maravilha com o seu ar desvairado de rafeiro à procura da cauda... (*Descobri* 16)

Quando já cansada de deambular pelas ruas “monótonas” de Manhattan, a narradora dirige-se para o bairro de Chinatown para o jantar. A descrição que nos proporciona dos transeuntes nas ruas de Chinatown, uma vez mais com recurso a imagética zoomórfica, impressionaria o próprio Edward Said como exemplo de Extremo Orientalismo:

Grupos de chineses, de rostos pergaminhados, formavam assembleia nas esquinas da rua. As raparigas chinesas passavam fumando, vestidas à ocidental, com passos ginasticados de quem podia fazer a travessia do continente africano a pé. Onde estava a etérea subtileza dos passos travados pela cabaia? Esta gente não compreende que fora da moldura do traje oriental, feito para a sua proporção anatómica, ficam uma espécie de animais anfíbios, sem terra e sem água? Fartar-

-lhes-ão espelhos incrustados em jade para compreender que o fato ocidental é um crime *contra natura* – *contra natura* chinesa, bem entendido? (*Descobri* 78)

Natália Correia admite que estas afirmações acerca de preconceitos em relação à aparência física dos chineses – ela nunca se refere a eles como “Sino-Americanos” ou “Americanos de ascendência chinesa” – “eram ditados pelo meu egoísmo e eu tinha disso perfeita consciência. Mas era custoso admitir a desilusão que a minha pesquisa de tipismo asiático sofrera” (*Descobri* 78).

Natália caminha até Greenwich Village e entra num clube nocturno: “O *nightclub* estava decorado à maneira de estábulo. Num poleiro, um galo infeliz projectava voos que lhe morriam nas asas débeis. Nas paredes, autógrafos assinalavam a passagem de celebridades por aquele lugar” (*Descobri* 79). Mais tarde, as célebres bailarinas ou Rockettes do Radio City Music Hall assemelham-se-lhe a “animais amestrados” (*Descobri* 82). E também confecciona uma imagem singular para descrever as famosas Billie Rose Girls: “Formosíssimos cavalos de cem moedas, de dois metros de altura” (*Descobri* 90). Num *cocktail lounge* onde conhece Miss Olive Holmes, da Foreign Policy Association, a quem considera atraente, Natália Correia passeia no entanto o olhar pelo recinto onde,

como indica, predomina o elemento feminino. E qual a aparência desse elemento feminino? O leitor não está seguro se Correia pretende apenas caracterizar as mulheres que se encontram naquele *lounge* e naquele momento, ou se a sua caracterização tem pretensões a abranger grupos de Americanas em geral em conversa na sua língua materna, o inglês da América (como se o inglês da América fosse um bloco monolítico): “As vozes das mulheres americanas formam em conjunto um alarido bastante semelhante a uma sinfonia nocturna de gatos inquietados pelo cio” (*Descobri* 93). Num restaurante chinês em Washington, Correia aproveita outra oportunidade de descrever um grupo de mulheres americanas, um dos seus tópicos favoritos:

Senti-me num jardim zoológico. Era um verdadeiro concurso de mau gosto e de fealdade: matulonas gordas de soquetes e beicinho, anjinhos de procissão entalados em folhos engomados, guedelhas desmazeladas em pretenso *negligé* sensual, cúmulos de mau gosto, vestidos errados, chapéus que não estavam certos, sapatos destoantes. E mostravam as costas e despiam os ombros, como se ignorassem que mostrar as costas e despir os ombros requer um aprumo estético especial. (*Descobri* 136)

Não é de surpreender que as poucas pessoas com quem Natália Correia de facto trava conhecimento são descri-

tas em termos humanizantes. Aquelas a quem ela apenas observa casualmente nas ruas ou estabelecimentos públicos e que constituem a maioria das pessoas com que a viajante se cruza na América, essas, são por vezes submetidas a uma representação desumana.

A representação desfimista dos Americanos atinge um ponto de especial virulência quando a viajante visita Coney Island pela segunda vez: “É preciso ir a Conney [sic] Island num domingo para se ver”, escreve Natália Correia, como numa fotografia ampliada e colorida, a vida autêntica da classe média” (*Descobri* 170). Munida de ideias acerca do que e quem constitui a classe média americana, e informada pelos periódicos que, naquele domingo, um milhão e meio de pessoas deslocar-se-ia à Ilha, a narradora apanha o comboio com um grupo de pessoas, observa as suas actividades, depois regressa a Manhattan com uns quantos indivíduos que formavam parte do grupo inicial. A resultante galeria de retratos (alguns deles constituindo cruéis estereótipos de *grupos étnicos*, incluindo porto-riquenhos e negros) é notável. Mais impressionante todavia é que Natália Correia tire as seguintes conclusões acerca do quanto aprendeu, não com respeito à classe média (que fora o que de início a interessara), mas em relação aos habitantes de Nova

Iorque, irmanando assim os conceitos de “classe média” e “habitante de Nova York”: “Deste passeio a Conney [sic] Island fiquei com a noção de ter visto pela primeira vez o verdadeiro rosto da gente de Nova York” (*Descobri* 173).

Observar os outros ou preceder como espectadora induz a narradora a falar *sobre o(s) outro(s)*, como vimos. Este *falar acerca* não pressupõe, nem leva a um encontro com ou conhecimento do outro. Leva, pelo contrário, a *monólogos acerca do outro* partilhados com o leitor. Mantém-se, assim, o/a anfitrião/ã e a visitante separados, ficando esta num esforço mal-sucedido para entender aquele/a, ou – o que é muito pior – acabando por efectuar dele ou dela uma caricatura ou reduzi-lo/a e à sua cultura a questionáveis ou irresponsáveis generalizações. Uma coisa é certa: só mediante o encontro com o outro haveria a possibilidade de *um diálogo*. O diálogo de facto acontece em *Descobri que era europeia* no caso de indivíduos cuja representação se efectua, sem surpresa para o leitor, de maneira justa, por exemplo, nos casos de Dean Acheson e Margaret Chase Smith. Contudo, tal é a propensão em Natália Correia para o monólogo acerca do outro, em oposição ao diálogo com ele ou ela, que até mesmo quando as conversações ocorrem entre a narradora e indivi-

duos do país anfitrião, ela não só por vezes discorda veementemente com eles no que concerne a questões sobre as quais Natália não poderia possuir informação suficiente, mas de facto avança com ideias e opiniões recém-formuladas com base em parca evidência ou profere tão-só inesperadas generalizações, surpreendendo o interlocutor diegético e chocando o leitor informado.

Um único exemplo bastará para ilustrar. Natália Correia dialoga com Mary, uma das suas anfitriãs em Thomaston, Maine. A autora portuguesa oferece comentários positivos acerca dos conhecimentos que Mary mostra possuir da história portuguesa, algo de único entre as pessoas com quem travou conhecimento nos Estados Unidos. Mas depois a conversa toma o rumo duma discussão acerca de práticas democráticas versus não democráticas em ambos os países: Portugal e os Estados Unidos. Segundo a narradora, Mary acha não democrático o ter-se criadas, uma prática comum em Portugal. “Esta coisa horrível de ter criadas provocava-lhe uma confusa revolta. Ter criadas não era democrático...” (*Descobri* 63), escreve Natália Correia. E acrescenta, pouco depois: “Expus-lhe uma opinião que fora acumulando em conversas com americanos” (*Descobri* 64). O leitor, este leitor, querera conceder à narradora o benefício da dúvida e presu-

mir que as “conversas com americanos” já vinham decorrendo havia muito tempo neste e no outro lado do Atlântico, pois nesta altura da narrativa Natália Correia conta apenas uns quantos dias de estadia nos Estados Unidos. Correia escreve: “Acima de serem democráticos, vocês têm o complexo da democracia. De certo modo, comparo-os àqueles comunistas teóricos, que entendem que a revolução consiste em não usar gravata, em inverter instantaneamente os valores sociais e em terem o entranhado preconceito da fobia de todos os preconceitos” (*Descobri* 64).

Na troca de impressões que se segue, Natália Correia surpreende Mary ao rispostar à observação desta que ter criadas não era democrático com a (para a Mary e para o leitor) surpreendente pergunta: “Então porque admitis entre vós a subserviência?...” (*Descobri* 64). E Natália Correia acrescenta: “Sim... A pior de todas: a subserviência da gorjeta. A forma supérflua da venalidade, visto partir de pessoas bem remuneradas” (*Descobri* 64). Após esta troca de ideias, Mary alegadamente quis saber das impressões que tivera a sua interlocutora “sobre as classes trabalhadoras, como porteiros, moços de ascensor, criados, etc.” (*Descobri* 64). A surpresa de Mary à resposta que obteve de Natália Correia é caracterizada por esta da seguinte maneira: “Mary

escutava-me um tanto assarapantada” (*Descobri* 65). Pergunta-se o leitor: e porquê não ficaria Mary *assarapantada*?

Para começar, a caracterização da classe trabalhadora proporcionada por Natália Correia à sua interlocutora Mary tem muito mais a ver com a classe trabalhadora em Portugal do que nos Estados Unidos. Em segundo lugar, Natália Correia tinha, neste momento, menos de uma semana de estadia nos Estados Unidos e não possuía, por isso mesmo, nenhuma base sólida para afirmações tão generalizadas acerca de toda uma classe. Se bem que o que Philippe Lejeune chama o “pacto autobiográfico”, se aplicável ao relato de viagem exigiria que nós leitores concedêssemos a Natália Correia a suspensão da descrença, este leitor pergunta-se se, tanto neste momento como em outros pontos do seu relato, Correia de facto possuía um domínio suficientemente adequado da língua inglesa para discorrer tão fluentemente acerca de questões tão necessariamente abstractas, ou se Mary tinha um domínio suficiente do português para compensar as possíveis debilidades linguísticas da narradora. No fundo, o leitor não tem opção senão aceitar que a língua não constitui empecilho para nenhuma das interlocutoras, ou então atribuir a troca de impressões a mais um exemplo de supostos diálogos inventados

pela narradora para expressar ideias preconcebidas num suposto contexto verídico. Eis parte da resposta dada por Natália Correia à sua anfitriã e interlocutora Mary acerca de membros da classe trabalhadora que a narradora mostra conhecer como se na América tivesse vivido muitos anos:

São antipáticos e desagradáveis. Fazem as coisas com ar de quem nos presta um favor. Mas não os culpo por isso. Tenho a impressão de que essa pobre gente vive a angústia duma crise moral resultante da sua peculiar situação económica. ... O sistema económico funciona de forma a distribuir o maior número de bens pelo maior número de pessoas. Mas essa distribuição não é equitativa, visto que sois um país capitalista. O indivíduo da classe inferior que existe na América, quer os democratas queiram, quer não, raciona assim: eu tenho um frigorífico, um carro, um aparelho de televisão; mas tu tens mais, incomparavelmente mais do que eu. Porquê esta diferença, se nós somos iguais perante a Constituição? Daí um ódio de classe, que se traduz no desespero das atitudes arrogantes e no frio cumprimento das suas obrigações (*Descobri* 65).

Como vimos antes, Natália Correia não rejeitou uma das críticas dum seu leitor que o seu livro era demasiado egocêntrico. Parte desse egocentrismo, podemos conceder-lhe, deriva da hibridiz genérica do relato de viagem, o qual por vezes invade o território da autobiografia e da crónica, para men-

cionar apenas os gêneros que lhe são mais próximos. Em dado momento, Natália refere-se à sua narrativa como “diário” (*I discovered* 76). Alguns autores de relatos de viagem registam hesitações quanto aos subtítulos a dar aos seus textos. Fernando Namora, por exemplo, subintitula *Cavalgada cincenza* simplesmente como *narrativa*. Como se verá depois, Ilse Losa refere-se aos vários segmentos constitutivos do seu relato de viagem como *cartas*. É inegável, porém, que o texto de Natália Correia é-nos apresentado principalmente como uma narrativa de viagem, e os hábitos americanos que representa correspondem não a seres ficcionais, mas a seres humanos e suas práticas culturais.

Natália Correia ela mesma, que à data da sua visita aos Estados Unidos contava 27 anos e cuja narrativa viu a luz pela primeira vez em forma de livro um ano depois, está perfeitamente cônica das suas opiniões preconceituosas e precipitadas. Por altura da vigésima página do texto, escreve: “À primeira vista, chego a convencer-me de que tenho uma prevenção contra os Estados Unidos. Não é verdade. Isso seria uma débil atitude mental para quem, como eu, se propõe analisar. Não quero ver a América através duns olhos vesgos, torcidos por um inexplicável rancor. Mas também não vou atrás dessa miragem publicitária do cinema, das revistas, dos *slogans*

ou das exaltadas histórias dos emigrantes, servos na Europa, patrões na América” (*Descobri* 21). Tem a autora absolutamente razão que o leitor, pelo menos este leitor, não alimentava nenhuma expectativa de que ela escrevesse um panegírico da América, ou repetisse as narrativas do pobrezinho do emigrante que poderá, ele ou ela, estar dividido entre o amor – ou o ressentimento, depende – de dois países. Mas o leitor, quem quer que ele ou ela seja, tem o direito a esperar da parte de qualquer escritor, que se digne representar por escrito a sua percepção duma nação e do seu povo, que adira a um sentido de justiça e *fair play* éticos, uma compreensão que vá para além das primeiras impressões, um reconhecimento do que medeia entre uma representação humanística, por um lado, e um caprichoso aproveitamento literário-estético das pessoas, por outro.

Ouçamos Natália Correia a reflectir sobre os grupos de pessoas com quem viajou para e de Coney Island e que observou durante o percurso e a quem se referiu como exemplos da “classe média americana” e “dos habitantes de Nova York”. Baseando-se nas mesmas percepções, a autora agora alarga ainda mais aquelas já amplas generalizações. O que ela agora escreve mina qualquer esperança de que ela estava intelectualmente preparada e emocionalmente apta a com-

preender a complexidade dum país tão complexo como os Estados Unidos, ou que tinha a maturidade ética para distinguir, por minimamente que fosse, entre um género como o relato de viagem, que tem um mínimo de compromisso com a verosimilhança, e os “devaneios dum criador”, que poderão não tê-lo. Natália Correia escreve:

Na América, o aglomerado humano tem, mais do que em nenhuma outra parte, um carácter multitudinário e amorfo. É um universo constituído por átomos infinitesimais. Mas esta multidão não era uniformizada. Não girava sobre o eixo da standardização. Cada um deles era um astro melancólico brilhando com luz própria. Eram debuxos goyescos, personagens de novela, riquíssima matéria-prima para os devaneios dum criador (*Descobri* 174).

Para Natália Correia, aparentemente o cadinho não tinha aquecido ao ponto de fundir todas as etnias numa (para ela) standardizada mistura. Mas, por outro lado, se essa fusão tivesse ocorrido ao ponto que ela agora parece desejar, o que teria acontecido – perguntamo-nos nós – àqueles chineses de Chinatown que ela não considerara suficientemente *chineses* na sua indumentária? E não teriam os seus *devaneios de criadora* ficado comprometidos se, na verdade, tivesse havido fusão suficiente no cadinho até produzir uma forma humana standardizada e ela desco-

brisse que o “cão” humano da TWA e “os gatos” em cio no *cocktail lounge* todos se tivessem tornado, como ela, *européus* na aparência, nos costumes e no sotaque? E porquê “europeia” e não “portuguesa”? Regressaremos a esta pergunta mais tarde.

Ao contrário do viajar sedentário, o viajar nómada tem que ver “com o encontro com a outredade, o qual fractura a fronteira e o instrumento da representação: é uma performance em devir-outro. No sentido ético, só o viajar nómada merece o apelativo de ‘viajar’. E Syed Manzarul Islam acrescenta: “Além disso, o viajar nómada oferece uma perspectiva não essencialista, não sedentária dum modo de vida onde o habitar e viajar se fundem um no outro. E no plano transcultural, o viajar nómada também nos impele ao confronto cara a cara com o outro, sem a paranóia do outrar que é a representação do outro em relação a nós” (Islam, “Prefácio” vii). Sustenho que esta descrição do viajar e do/da viajante nómada se aplica à narrativa e à narradora de *Ida e volta – à procura de Babbitt*, de Ilse Losa.

Ilse Lieblich Losa (1913-2006) nasceu em Bauer, perto de Hanover, Alemanha, onde frequentou a escola secundária e o Instituto Comercial. Passou um ano na Inglaterra como *au pair*, onde também fez estudos de pedagogia. Após regressar à Ale-

manha, foi perseguida pelos Nazis por ser judia. Em 1934, refugiou-se em Portugal. Neste país casou com o arquitecto Arménio Losa, tornou-se cidadã portuguesa e chegou a ser uma importante escritora da literatura portuguesa. É autora de vários romances e volumes de contos e novelas, originalmente escritos em português. Também é uma notável escritora de literatura infantil, actividade essa que lhe tem merecido importantes prémios. É ainda tradutora, do alemão para o português, de obras da literatura do seu país de origem.

Em 1958, Ilse Losa passou uns quantos meses a viajar pelos Estados Unidos. O seu itinerário tem início em Silver Spring, Maryland, com percursos por Washington, D.C. e áreas circunvizinhas. Depois encaminha-se para Fayetteville, Carolina do Norte, depois Cleveland, Ohio, e depois apanha um avião que a levaria a Los Angeles. Após prolongada estadia na área de Los Angeles, viaja para a zona da Baía de São Francisco para um breve estadia, depois da qual regressa à Costa Leste dos Estados Unidos, com uma breve paragem em Chicago, cidade que entretanto não visita. A última cidade que visita nos Estados Unidos é Nova Iorque.

Uma das características mais salientes da viagem de Ilse Losa é que ela só pernoita em hotéis por uns dias quando passa por Nova Iorque no

fim da sua viagem. O resto do tempo da sua estadia nos Estados Unidos a autora passou-o com amigos e conhecidos, incluindo pessoas com quem travou conhecimento durante a viagem. Este facto de ter convivido com amigos e conhecidos, em conjugação com a sua perspectiva humanística no que respeita à representação do outro, têm o profundo efeito de conferir características únicas ao seu relato no contexto global de todos os outros relatos de escritores portugueses incluídos na bibliografia deste trabalho.

A visita de Ilse Losa à América é mais uma visita ao povo dos Estados Unidos do que a umas quantas cidades e monumentos turisticamente icónicos, se bem que ela também visite algumas dessas cidades e monumentos. Os seus contactos com a maioria dos indivíduos com quem o seu leitor se depara na jornada pelo texto de *Ida e volta* são *encontros cara a cara com a humanidade do outro*, em vez de meras observações casuais colhidas nos passeios das ruas, nos percursos de autocarro ou de comboio ou num simples relance de olhos ao entrar num restaurante ou num *cocktail lounge*. Uma das principais atitudes que enforma a narradora-visitante de *Ida e volta* é uma atitude de expectante desejo de apreender ao apreender lugares e pessoas, hábitos e trocas de impressões. Muitos dos esteriótipos

do Americano que ela trouxera consigo da Europa desfazem-se perante a realidade encontrada – e ela faz questão de constatar a sua mudança de opinião quando a evidência o exige. Esta narrativa está longe de ser uma apologia pelos Estados Unidos, até porque há nela várias críticas perspicazes a locais, costumes e indivíduos vistos e conhecidos cara a cara. Essas críticas, porém, justificáveis ou não por quaisquer critérios objectivos, são geralmente o resultado de reflexões aprofundadas e de um sentido de justiça na percepção e julgamento do outro. A sua narrativa é profícua em retratos de pessoas. Conquanto alguns sejam satíricos, nenhum é desumanizante. Sintomaticamente, ela conclui a sua narrativa com um rico e complexo retrato do célebre compositor americano de *blues* Hall Johnson, com quem ela visita o bairro de Harlem, Nova Iorque, e a quem ela veio a conhecer através da amiga duma amiga em Los Angeles.

De todos os relatos de viagem de escritores portugueses acerca dos Estados Unidos incluídos na bibliografia deste trabalho, o de Ilse Losa é de longe o mais rico em comentários metanarrativos. Numa das passagens mais notáveis nessa modalidade, ela distingue três tipos de viajantes que, curiosamente, são caracterizações certas dum número considerável de relatos de viagem modernos portu-

gueses. Para começar, segundo Losa, há o viajante que fica encantado com tudo o que vê. Depois há os que “percorrem o continente de ponta a ponta, emproados, ostentando o colarinho engomado do seu mundo velho e ‘aristocrático’, sempre reservados, circunspectos e indignados por ninguém lhes fazer as vénias servis a que estão habituados e por serem apenas tratados por *Mr. Soandso*” (*Ida e volta* 108). E por fim há aqueles “que trazem consigo um esquema traçado e encerram cada impressão no quadradinho já para ele reservado e ao qual se deve ajustar” (*Ida e volta* 108). Em geral, conclui Ilse Losa, “todos, duma maneira ou de outra, nos incutem ideias, e sinto como é difícil libertarmo-nos das suas informações” (*Ida e volta* 108-109).

A narrativa de Ilse Losa não se enquadra em nenhuma destas três modalidades. Na verdade, o seu relato de viagem pode caracterizar-se como a busca de comunalidade, em oposição a diferenças, entre as pessoas. Como indica Vamberto Freitas num breve mas penetrante ensaio sobre *Ida e volta*, este livro “É o *olhar do outro* perante o *outro*” (Freitas 131). Parafraseando Vamberto Freitas, eu substituiria *olhar* por *encontro*. *Olhar* pode traduzir-se por *le regard*, que de per si pode ter conotações extremamente negativas. Sim, é verdade que as perspectivas tolerantes que este

relato de viagem patenteia provavelmente derivam do facto de Losa ela mesma ter passado pela experiência de ser *outra* no seu país de origem, e vivia em *outro* país já havia décadas, onde continuava a ser *estrangeira*. Não obstante esses factos, porém, Ilse Losa – ao contrário de Natália Correia – sempre se identifica como *portuguesa*. Só se refere a si própria como *européia* uma vez em toda a narrativa! Numa troca de impressões com os seus interlocutores, ela por vezes corrige os Americanos que usam o rótulo de “Europeu” demasiado liberalmente:

vocês aqui falam sempre em europeus como se a Europa fosse toda ela um país com uma cultura só. Na realidade, somos terrivelmente distanciados uns dos outros, em grau de cultura, em costumes, e em língua. Um escandinavo ou um alemão, por exemplo, talvez sintam mais afinidades com a maneira de ver dos americanos do que com a dos portugueses (*Ida e volta* 40).

Apesar de não haver qualquer indício que esta afirmação pretende atingir a autora de *Descobri que era européia*, a verdade é que lhe fica como uma luva.

Ao contrário do tipo de viajante que visita os Estados Unidos armado de noções preconcebidas e mecânica e respeitosa registra aquelas noções, isto é, predizivelmente *aprende* aquilo que já sabia ou pensava que

sabia, grande parte da narrativa de Ilse Losa está orientada no sentido de desfazer ou corrigir certos estereótipos que, nalguns casos, ela própria assimilara em relação ao país e ao povo anfitriões. Uma vez mais, a sua visão da América e dos cidadãos que encontra cara a cara, baseada como é num conhecimento de causa – e um resultado de ela dar mais crédito ao *encontro* com as pessoas do que às impressões casualmente colhidas de observações superficiais – explica em grande parte a alteração sofrida por algumas das suas noções apriorísticas a respeito da América e dos Americanos. No seu afã de conhecer as pessoas no seu próprio *milieu*, Ilse Losa visita uma sinagoga na América, assiste a um serviço religioso numa Igreja Baptista de negros, visita uma escola primária e uma escola secundária e anda a pé o mais que pode, até mesmo em bairros onde lhe recomendam que não caminhe.

Ao contrário de Natália Correia que não resiste a discorrer sobre encontros com individualidades importantes, Ilse Losa – que também assistiu a uma conferência de imprensa Presidencial e conheceu importantes entidades do mundo profissional e das artes – presta atenção e acusa a existência e dignidade de indivíduos da classe trabalhadora. Um exemplo singular é o do motorista de táxi que a levou de Washington a Silver Spring,

Maryland e que passou considerável tempo à procura da residência da primeira anfitriã americana de Ilse Losa.

E eu pus-me a cismar por quantos dólares me iria ficar aquela “viagem”. Não estava no país dos *gangsters*? E aquele *gangster* disfarçado com o seu falso cartão de identidade no *tablier*, cinicamente consolar-me:

– Não se aflija, Miss, havemos de lá chegar.

E para que me chamava “Miss” se sabia que eu era pacata mãe de duas meninas? Chegámos, sim. E ele, o *gangster*, entrou, sem mais nem menos, em casa de Mrs. Michel. Nunca ele tinha visto aquela senhora mais gorda, mas, cheio de pachorra, sentou-se na sala e pôs-se a contar a razão da nossa demora. E Mrs. Michel a achar tudo isso perfeitamente natural. Por fim paguei quatro dólares, o que era um pechincha olhando às voltas que dei. Afinal, grata por ele não ser *gangster* nem cínico, disse-lhe:

– O senhor foi amável comigo, obrigada. E ele respondeu, como as personagens nos filmes:

– *Tell that to my boss.* – (Diga isso ao meu patrão) (*Ida e volta* 16-17).

Para além de desconstruir esteriótipos acerca dos motoristas de táxi (e fá-lo também em relação aos taxistas de Nova Iorque [*Ida e volta* 264]), Ilse Losa também mina noções preconcebidas acerca de, por exemplo, a opinião generalizada que as Americanas não sabem cozinhar, proporcionando exemplos concretos de expe-

riências que teve (*Ida e volta* 27). No que diz respeito ao esteriótipo de Los Angeles como “cidade monstro”, Losa responde: “Deixei Los Angeles, a que chamam a cidade monstro onde, primeiro, tudo se me afigurava artificial mas onde encontrei calor humano como em toda a parte e onde deixei amigos inesquecíveis. Na carteira levo endereços de amigos desses amigos, a continuação que há em tudo, até nas próprias pessoas” (*Ida e volta* 225).

Um dos aspectos do livro de Ilse Losa que seria uma injustiça omitir são as suas comparações e contrastes entre algumas impressões da América e Americanos e suas contrapartidas em Portugal. É preciso dizer que a maioria dos relatos de viagem de escritores portugueses incluída na bibliografia deste trabalho raras vezes menciona Portugal. Quando tal acontece, raras vezes é no sentido de criticar adversamente qualquer aspecto de Portugal e da vida portuguesa. As poucas vezes que se menciona Portugal é para se salientar algum aspecto positivo da vida portuguesa, ou para se oferecer qualquer crítica anódina de um ou outro costume político. Um exemplo de crítica, no relato de Natália, é o ela afirmar que os Americanos são mais observadores da etiqueta cavaleiresca do que os Portugueses. E se bem que optemos por interpretar a sua história do polícia que a repreen-

deu por ela trajar pouco decentemente enquanto conduzia o carro – uma cena que indubitavelmente trouxe à mente dos seus leitores a hipocrisia puritana do Portugal de Salazar – não há nada no relato de Natália Correia, ou em nenhum dos outros relatos portugueses incluídos na bibliografia, que se aproxime das corajosas afirmações críticas que profere Ilse Losa em relação ao seu país adoptivo através de toda a sua narrativa – narrativa que, note-se, foi editada em 1964.

Como é por demais sabido, no Portugal de Salazar era severa a censura. Os jornais e as revistas censuravam os trabalhos antes de serem editados. No caso dos livros, porém, não havia censura prévia. O que havia era muito pior. O escritor escrevia ao seu próprio risco. Do mesmo modo, o editor corria o seu próprio risco ao editar. Depois de editado o livro, como aconteceu a escritores como Miguel Torga, a célebre PIDE podia decidir censurar o livro *a posteriori*, retirando-o das estantes das livrarias. Era por isso necessário ter muita coragem para escrever, até mesmo as críticas relativamente suaves por padrões de hoje, incluídas em *Ida e volta – à procura de Babbitt*.

Entre as comparações e contrastes que faz Ilse Losa contam-se a menção dos relativamente anódinos factos de que os mercados americanos são muito mais limpos e asseados do que

as suas contrapartidas portuguesas (*Ida e volta* 21); que a informalidade americana na linguagem e no traje é preferível ao artificioso pretensiosismo da formalidade portuguesa (*Ida e volta* 26; 132); que lhe apraz muito poder caminhar pelas ruas de Nova Iorque sem que centenas de pares de olhos a prescrutem. Escreve ela: “E lembrar-me eu de que venho duma terra onde uma lavadeira que se atrevesse a pôr um chapéu na cabeça fazia espantar toda a cidade!” (*Ida e volta* 260).

Alguns dos comentários feitos por Ilse Losa em relação à realidade portuguesa são muito mais politicamente explosivos, porém, do que os modestos exemplos mencionados. Insistentemente, ela refere-se à pobreza em Portugal. Uma pequena vinheta é particularmente ilustrativa. Enquanto caminhava pelas ruas de Silver Spring, Maryland, Ilse Losa notou duas meninas a vender bonecas num pequeno *stand* montado no passeio. Pensando que as meninas estavam a brincar às vendedeiras de bonecas, ela decidiu gracejar com elas – mas depois descobriu que aquela iniciativa comercial era mesmo a sério. O que lhe provocou a seguinte reacção:

Aprender a apreciar o trabalho cedo, pensei, é bom. Mas aquelas meninas que ainda não iam à escola, com o seu *business* a sério de mercadoria a um dólar por peça, não seriam demasiadamente realistas para a sua idade? É que não se tratava

de desgraçadinhos como os que andam aí em Portugal, a vender a sua mercadoria pelos cafés e pelas ruas para terem pão na mesa, mas sim de meninas abastadas, dum bairro elegante (*Ida e volta* 60).

Em outra ocasião, ao discorrer sobre crianças deixadas sozinhas em casa devido a que ambos os pais trabalhavam, a sua interlocutora pergunta-lhe se em Portugal se passa a mesma coisa, ao que Losa responde que não era comum que famílias da classe média deixassem os seus filhos sozinhos, mas que o abandono das crianças “era quase completo nas camadas do povo, onde os pais tinham ambos de ir trabalhar sem terem, sequer, possibilidade de deixar os meninos em parques infantis ou em escolas que lhes fornecessem refeições. Além disso, raras vezes possuíam os meios necessários para vigiarem a saúde dos filhos” (*Ida e volta* 63).

De facto, Ilse Losa eleva a comparação e contraste entre um país visitado e o país de origem a uma componente ética do relato de viagem, ao escrever:

Sim, de facto, temos a tendência de julgar as coisas, num país estranho, pelas aparências, de dar sentenças por junto, sem fazer comparações e, se as fazemos, somos pouco objectivos. O primeiro encontro com uma terra desconhecida devia, simultaneamente, significar um reencontro com as terras já familiares e até conosco próprios (*Ida e volta* 216-217).

Contam-se às centenas os escritores que têm publicado relatos de viagem sobre os Estados Unidos. Esses escritores incluem, entre aqueles cujas impressões foram positivas ou até mesmo encomiásticas, Hector St John Crèvecoeur, Alexis de Tocqueville, Winston Churchill, e o terceirense Alfredo de Mesquita, cujo *América do Norte* (2.^a edição 1917) constitui um panegírico, e António Ferro, cujos dois relatos – *Novo mundo mundo novo* (1930) e *Hollywood – capital das imagens* (1931), ambos os quais também constituem impressões largamente positivas dos Estados Unidos da América. Outros escritores portugueses editaram relatos bastante objectivos ou equilibrados sobre a América. Estes escritores incluem, na ordem da publicação das obras, Ferreira de Castro, Joaquim Paço d’Arcos, João Alves da Costa, Dias de Melo e Clara Pinto Correia, entre uns quantos mais.

O número de visitantes, incluindo sumidades, que têm visitado os Estados Unidos e escrito severas acusações contra a pátria de Lincoln são muito mais numerosos do que aqueles que do país colheram impressões positivas ou equilibradas. Já em 1864, no seu prefácio ao seu *A América e os seus Comentaristas*, Henry T. Tuckerman escrevia:

Numerosos como são os livros de viagem na e contendo comentários sobre a

América – desde os mais superficiais aos mais profundos, desde os mais toscos aos mais artísticos, desde os mais instrutivos aos mais impertinentes – tão longe está a matéria de se esgotar, que parece que só agora começamos a ter uma ideia clara do material para julgar, descrever e analisar (Tuckerman vi).

Em 1971, na Introdução à sua antologia de relatos de viagem acerca da América, *Imagem quebrada: críticas estrangeiras sobre a América*, cobrindo o período 1770 a 1970, Gerald Emanuel Stearn ainda podia escrever o seguinte:

A minha preocupação aqui é com o lado não atraente, sórdido e sombrio da América. As selecções foram feitas segundo um critério de pertinência temática, usando a década de 1960 como linha divisória na história americana, assim que anteriores equívocos estrangeiros frequentemente surgem hoje como observações prescientes, incisivas e reveladoras. Consequentemente, alguns destes ensaios são brutais, até escabrosos. A alguns falta-lhes delicadeza e comedimento e parecem ter sido escritos com a simples intenção de ofender os Americanos. Alguns dos colaboradores são preconceituosos, partilhando os valores distorcidos dum povo que observaram para condenarem. Nestes ensaios, o boato, o mito e a fantasia frequentemente se mesclam com o facto embaraçante (Stearn xii).

A antologia de Stearn inclui, entre muitos outros, célebres relatos de autores tão conhecidos e apreciados como Charles Dickens, José Martí,

Paul Bourget, Maxim Gorki, H. G. Wells, Sigmund Freud, George Duhamel e David Holbrook – todos eles tendo escrito contundentes narrativas de viagem sobre os Estados Unidos – cujo escopo temático cobre assuntos tão variados e comprometedores como a escravatura, o racismo, o extermínio do índio americano, a violência, o crasso materialismo e a falta de interesse pela cultura.

Entre os portugueses que escreveram reportagens assaz negativas sobre os Estados Unidos contam-se Fernando Namora, cuja *Cavalgada cinzenta: narrativa* (1972) se baseia numa visita de cinco dias à Cidade de Nova Iorque. Uma lista mais completa de impressões negativas dos Estados Unidos em relatos de viagem teria de incluir livros célebres de filhos nativos da América, entre eles Henry James, cujo *A cena americana* (1907) severamente critica a América, entre outras coisas pelo seu materialismo e pelos seus imigrantes mais recentes; e Henry Miller, cujo *O pesadelo de ar condicionado* (1945) é, como o seu próprio título sugere, outra crítica severa a muitos aspectos da América. Ambos estes escritores escreveram esses relatos após já não terem posto os pés no seu país de origem havia vinte anos.

Em conclusão, optei por focar as narrativas de Natália Correia e Ilse Losa não por elas exemplificarem aspectos mais ou menos negativos da América

e do seu povo – Natália Correia tem várias coisas positivas a dizer sobre os Estados Unidos e Ilse Losa faz alguns comentários assaz negativos sobre a América – mas porque estas duas escritoras exemplificam, quanto a mim, algo ainda mais importante do que impressões mais ou menos positivas ou negativas dum país – com tal que essas impressões, boas ou menos boas, sejam baseadas em observações legítimas, em reflexões não preconceituosas, em compreensão (espera-se que no sentido weberiano de *Vers-
tehen*, isto é, *compreensão interpretativa*). Sempre haverá tantas opiniões acerca dum país como indivíduos que o hajam visitado e reflectido sobre o que viram e experimentaram. Mais importante para mim do que as con-

clusões a que o viajante tenha chegado são os meios de representação que esse viajante haja utilizado na criação do seu relato sobre um país e, mais importante todavia, sobre uma nação ou um povo. Como indica Syed Manzurul Islam, “uma empresa de escrita ética não deveria conduzir a uma renúncia do espírito crítico” (Islam, “Prefácio” ix). Pode-se aceitar que um país ou um povo possam ser justamente criticados pelas suas falhas morais e pelos seus defeitos. É concebível que a maioria dos anfitriões aceitem, ou até convidem, críticas construtivas. Os leitores, porém, também têm o direito a esperar que essas críticas tenham como base indispensável *uma representação ética do outro*.

BIBLIOGRAPHY

FONTES PRIMÁRIAS

CORREIA, Natália. *Descobri que era europeia: impressões duma viagem à América*. 2.^a edição. Lisboa: Editorial Notícias, 2002; original ed. 1951.

LOSA, Ilse. *Ida e Volta – à procura de Babbitt*. Lisboa: Portugalíá Editora, 1962.

FONTES SECUNDÁRIAS

OUTROS RELATOS DE VIAGEM DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS PORTUGUESES

CASTRO, Ferreira de. *Estados Unidos da América*. Vol. I. In *A Volta ao Mundo*.

3 vols. Lisboa: Guimarães, 1940-1944. 299-420.

COSTA, João Alves da. *América em Carne Viva*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

CORREIA, Clara Pinto, *The Big Easy*. Prefácio de Paulo Medeiros. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

MESQUITA, Alfredo de. *A América do Norte*. Com Ilustrações de Santos Silva. 2.^a edição. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1917.

FERRO, António. *Hollywood: Capital das Imagens*. Lisboa: Portugal-Brasil, s.d.; edição original 1931.

- . *Novo Mundo Mundo Novo*. 2.^a edição. Lisboa: Portugal-Brasil, s.d.; edição original 1930.
- MELO, Dias de. *Das Velas de Lona às Asas de Alumínio*. Lisboa: Edições Salamandra, 1990.
- NAMORA, Fernando. *Cavalgada Cinzenta: narrativa*. 4.^a edição. Lisboa: Publicações Europa-América, 1993; edição original 1977.
- PAÇO D'ARCOS, Joaquim. *A Floresta de Cimento: Claridade e sombras dos Estados Unidos*. 2.^a edição. Lisboa: Guimarães Editores, 1956; edição original 1953.
- TRABALHOS TEÓRICOS E CRÍTICOS*
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio. "A autodescoberta de uma europeia na América – ou quando Natália Correia descobriu que era Natália". Unpublished monograph. [Os meus agradecimentos a Onésimo Almeida por me disponibilizar este ensaio inédito.]
- BHABHA, Homi. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1994.
- . *Nation and Narration*. London: Routledge, 1993.
- BLANTON, Casey. *Travel Writing: the self and the world*. New York: Routledge, 2002.
- CIDADE, Hernâni. *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina: As Ideias, os Factos, as Formas de Arte*. Coimbra: Amado, 1963-64.
- CLARK, Steven H. (ed.). *Travel Writing and Empire: Postcolonial Theory in Transit*. London: New York: Zed Books; Distributed in the US by St. Martin's Press, 1999.
- CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- COX, Edward G. *A Reference Guide to the Literature of Travel*. 3 vols. Seattle: University of Washington Press, 1935-49.
- CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens*. Lisboa: Cosmos/Universidade de Lisboa, 1999.
- ELSNER, Jas e RUBIÉS, Joan-Pau. *Voyages and visions: towards a cultural history of travel*. London: Reaktion Books, 1999.
- FORTUNY, Kim. *Elizabeth Bishop: the art of travel*. Boulder: University Press of Colorado, 2003.
- FREDERICK, Bonnie e MCLEOD, Susan H. (eds.). *Women and the journey: the female travel experience*. Illustrated by Jo Hockenhull; with a foreword by Catharine R. Stimpson. Pullman, Wash.: Washington State University Press, 1993.
- FREITAS, Vamberto. "A outra América e o outro Babbitt". *A América entre a realidade e a ficção*. Lisboa: Salamandra, 1994: 129-135.
- GASKET, Axel. "De la 'Mirada Imperial' a la errancia moderna". *Quimera* 176 (enero 1999): 22-28.
- GILBERT, Helen e JOHNSTON, Anna. *In Transit: Travel, Text, Empire*. New York: Peter Lang, 2002.
- GIRALDO, Manuel Lucena e PIMENTEL, Juan (eds.). *Diez estudios sobre literatura de viajes*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de la Lengua Española, 2006.
- GOMES, Elviro Rocha (ed.). *O que eles disseram de Portugal: traduções e comentários por E. R. Gomes*. Faro: Tip União, 1960.

- GROOM, Eileen. *Methods for Teaching Travel Literature and Writing: Exploring the World and Self*. Vol. 9. Travel Writing Across the Disciplines. New York: Peter Lang, 1995.
- HOOPER, Glenn e YOUNGS, Tim (eds.). *Perspectives on travel writing*. Burlington, Vt: Ashgate, 2004.
- HULME, Peter e YOUNGS, Tim. *The Cambridge companion to travel writing*. Cambridge, U.K.; New York: Cambridge University Press, 2002.
- HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism*. New York: Routledge, 1988.
- HUTCHINSON, Sikivu. *Imagining Transit: Race, Gender, and Transportation Politics in Los Angeles*. Vol. 2. Travel Writing Across the Disciplines. New York: Peter Lang, 2002.
- ISLAM, Syed Manzurul. *The ethics of travel: from Marco Polo to Kafka*. Manchester; New York: Manchester University Press, 1996.
- JAMES, Henry. *The American Scene*. Bloomington: Indiana University Press, 1968; [edição original 1907.]
- JONATHAN, Crary. *Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the 19th Century*. Cambridge, Mass., e Londres: MIT Press, 1990.
- KOWALEWSKI, Michael (ed.). *Temperamental Journeys: Essays on Modern Literature of Travel*. Athens and London: University of Georgia Press, 1992.
- MELIKGLU, Doray (ed.). *Life writing: autobiography, biography, and travel writing in contemporary literature: proceedings of a symposium held by the Department of American Culture and Literature, Haliç University, Istanbul*. Stuttgart: Ibidem-Verlag, 2007.
- MILLER, Henry. *The Air Conditioned Nightmare*. New York: New Directions, 1945.
- NICHOLAS, Thomas. *Colonialism's culture: anthropology, travel, and government*. Princeton, N.J.: Princeton Univ. Press, 1994.
- NUNES, Carmen. *O eco dos descobrimentos na literatura portuguesa*. Lisboa: Editora Replicação, 1990.
- PAGDEN, Anthony. *European Encounters with the New World, From Renaissance to Romanticism*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1993.
- PALMA-FERREIRA, João. *Naufrágios, viagens, fantasias & batalhas*. Sel., prefácio, leitura de texto e notas de João Palma Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
- PORTER, Dennis. *Haunted Journeys: Desire and Transgression in European Travel Writing*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: travel writing and transculturation*. London; New York: Routledge, 2008.
- . *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- ROBERTSON, George, et al. *Travellers' tales: narratives of home and displacement*. London; New York: Routledge, 1994.
- ROBERTSON, Susan L. (ed.). *Defining travel: diverse visions*. Jackson: University Press of Mississippi, 2001.
- ROJEK, Chris e URRY, James (eds.). *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*. London: Routledge, 1997.
- RUEDA, Sofia M. Carrizo. *Poética del relato de viajes*. Kassel: Edition Rechenberger, Problematika literaria 37, 1997.

- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Knopf, 1993.
- . *Orientalism*. New York: Peter Lang, 2004; edição original 1978.
- . “Representing the Colonized: Anthropology’s Interlocutors”. *Critical Inquiry* 15.2 (Winter 1989): 205-225.
- SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- SIEGEL, Kristi. *Gender, Genre and Identity in Women’s Travel Writing*. New York: Peter Lang, 2004.
- SMITH, Sidonie. *Moving Lives: Twentieth Century Women’s Travel Narratives*. University of Minnesota Press, 2001.
- SPENGEAN, William C. *The Adventurous Muse*. New Haven: Yale University Press, 1989. Sobre a influência da literatura de viagens no romance.
- SPURR, David. *The Rhetoric of Empire: Colonial Discourse in Journalism, Travel Writing, and Imperial Administration*. Durham: Duke University Press, 1993.
- STEARNS, Gerald Emanuel (ed.). *Broken Image: Foreign Critiques of America*. Selected & edited with notes and introduction by Gerald Emanuel Stearn. New York: Random House, 1972.
- TUCKERMAN, Henry T. *America and Her Commentators*. With a critical sketch of travel in the United States. New York: Antiquarian Press, 1961; edição original 1864.
- URRY, James. *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies*. London: Sage Publications, 1990.

